

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S

**As novas características do
ELEITORADO BRASILEIRO**



**espaço
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

Mais conectado, mais exigente e mais desapontado: como se comportará o ELEITOR em 2016?

O atual quadro político brasileiro indica que está surgindo um novo eleitor, mais informado, mais conectado com outros eleitores e mais exigente. Essa nova postura, somada às mudanças trazidas pela reforma política, que encurtou os prazos de campanha e reduziu as fontes de financiamento, cria um cenário eleitoral completamente diferente do anterior, com o qual candidatos a prefeito e vereador terão que lidar nas eleições de 2016.

Para analisar essa nova situação, o Espaço Democrático realizou em outubro de 2015 seu 16º Encontro Democrático, no qual reuniu três especialistas em questões políticas e eleitorais:

Ivo Gobatto Júnior, especialista em Direito Eleitoral, professor do Mackenzie e consultor de campanhas eleitorais desde 1994;

Rubens Figueiredo, cientista político com participação na condução de diversas campanhas eleitorais;

Woile Guimarães, jornalista com longa atuação nos principais órgãos de comunicação do país e grande experiência em campanhas eleitorais pelo Brasil.

Com a participação de lideranças do PSD e colaboradores da Fundação, o debate foi coordenado pelo vice-diretor da FAAP e colaborador do Espaço Democrático, economista Luiz Alberto Machado.

Boa leitura.



LUÍS ALBERTO MACHADO: Estamos iniciando mais um Encontro Democrático, hoje para discutir o tema “As novas características do eleitorado brasileiro”, assunto que seguramente permanecerá na pauta do Espaço Democrático, até porque 2016 é ano eleitoral e a discussão vai ser extremamente importante não só para os candidatos, mas para todos aqueles que estiverem envolvidos com o processo eleitoral.

E para discutir esse tema temos aqui três experientes profissionais, de formações diferentes. Rubens Figueiredo, cientista político e colaborador do Espaço Democrático, que participou de campanhas eleitorais em São Paulo, Osasco, Mogi das Cruzes e Suzano, entre outras cidades, autor de livros sobre marketing político, pesquisas e eleições. Ivo Gobbato Júnior, que é mestre em Direito Processual Civil pelo Mackenzie, atual secretário de Governo no município de Barueri, especialista em Direito Eleitoral e consultor de campanhas eleitorais desde 1994. E o jornalista Woile Guimarães, que atuou na *Folha de S. Paulo*, no *Jornal da Tarde*, na *Rede Globo*, participou da primeira campanha presidencial depois da reabertura democrática e de outras importantes campanhas estaduais e municipais em todo o País.

Cada um deles fará uma primeira exposição de aproximadamente 15 minutos e depois teremos a participação dos nossos convidados. Woile, por favor.

WOILE GUIMARÃES: Antes de entrar no assunto eu gostaria que vocês me permitissem contar um fato que deve estar acontecendo com muitos eleitores. Meses atrás eu assinava quatro jornais. Recebia *O Globo*, *Valor*, *Estadão* e *Folha*. Tomava o meu café, lia os jornais todos e aí saía por baixo da porta do escritório, de tão deprimido. Decidi diminuir essa angústia e fiz assinaturas digitais de todos os jornais, menos de um, *O Globo*, que continua chegando em papel. E a versão digital a gente não acessa tanto, pelo menos eu, que sou aficionado por jornal de papel. Aí comecei a ler o *Globo*, mas não adiantou muito, não. O que mudou foi que em vez de sair pela porta da sala, saía pela porta da cozinha, que tinha uma fresta um pouquinho maior. Mas eu saía e ainda saio com a esperança de que nós teremos um amanhã melhor. Mas haja esperança, não é?

Até aqui, a tendência natural é que as pesquisas mostrem eleitores cada vez mais desanimados e menos identificados com os representantes que elege-



ram. A última pesquisa Ibope avalia eventuais candidatos já para 2018. É muito prematura, mas, de qualquer maneira, é uma pesquisa. O atual descontentamento, a atual rejeição à classe política, está muito clara nessa pesquisa. Foram ouvidos 2002 eleitores em 140 municípios. Não votariam para presidente, de jeito nenhum: em (Luís Inácio) Lula (da Silva), 55%; em (José) Serra, 54%; em (Geraldo) Alckmin, 52%; em Marina Silva, 50%; em (Ciro) Gomes, 52%, Aécio (Neves), 47%. A persistirem esses desencontros entre Executivo e Legislativo, e além disso a Operação Lava-jato comendo solta, imagino que esse desencanto vai aumentar.

Mas antes dessa pesquisa, e antes mesmo da eleição de 2014, o desencanto com os políticos já era grande. Mesmo quando as coisas vão bem, os políticos não são lá muito bem cotados. Nos tempos da ditadura os militares eram os menos cotados, não é? Mas os políticos sempre estão ali disputando esse título.

“ ...Tomava o meu café, lia os jornais todos e aí saía por baixo da porta do escritório, de tão deprimido. Mas eu saía e ainda saio com a esperança de que nós teremos um amanhã melhor. Mas haja esperança, não é? ”

Muito se pesquisou e se analisou os movimentos de rua de junho de 2013. Os manifestantes combatiam o aumento do preço das tarifas de transporte, não queriam que aumentassem a passagem, pediam melhorias na saúde, criticavam a segurança. E as ruas, já turbinadas pelas redes sociais, revelaram novos movimentos. Ferviam naquela época os *black blocks*, fenômeno que não se repetiu nos últimos painéis, por exemplo. Tivemos, então, uma eleição muito disputada. Escancarou-se imediatamente a necessidade do tal ajuste fiscal; surgiu um Judiciário muito forte com a Operação Lava-jato; políticos estão sendo acusados; funcionários da Petrobras foram presos, empresários processados e muitos condenados. E persistem os desencontros entre o Congresso e a Presidência da República.

É nesse mar de problemas que temos mais uma revelação, que vem do IPC Brasil. O IPC Brasil é um

índice de impacto e perspectivas do Brasil, indicador exclusivo do jornal *Valor Econômico*, que mede o alcance de exposição de temas políticos e econômicos. Mede 1,2 milhão de posts. Essas publicações estão em colunas e editoriais das redes sociais e revelam críticas conhecidas. O IPC varia de 0 a 100. O IPC de política ficou com 36% de avaliação, e o IPC econômico ficou ainda mais baixo, 17%. A síntese, e há várias declarações, vários depoimentos, é que os políticos só debatem o que interessa a eles próprios. Sobre economia, a diretora do IPC Brasil, Marília Stábile, disse que os entrevistados falam sobre a as agruras do dia a dia: dificuldades, inflação, atraso em contas, aumento de energia, de gasolina etc. Algumas frases: “Economia é melhor nem discutir, pois pior do que está, não fica”; “Nada disso vai pagar as contas no final do mês”.

Então, há uma descrença generalizada ainda hoje. Vimos em 2013 e se repete agora, e com outro cenário, outro pano de fundo. Mas continua. É interessante a gente fazer uma comparação entre a Operação Lava-jato e a operação italiana Mãos Limpas. A Operação Mãos Limpas começou investigando suspeitas e denúncias localizadas de corrupção. Chegou a 5 mil suspeitos investigados, mais de 3 mil denunciados e 1.200 condenados. Isso está no livro que não foi traduzido ainda, do Marco Travaglio e do Peter Gomez, *Mãos Limpas, a verdadeira história*. Dois anos após o início da Operação Mãos Limpas, em 1984, os cinco partidos mais atingidos tinham praticamente desaparecido. Dois fecharam. E surgiram outros partidos políticos não representativos do cenário político nacional. Um era regional e o outro estava se formando em cima da onda de novas ideias. Enfim, o sistema político saiu desconjuntado e sem força, sem coalizão. Instituiu-se o toma lá, dá cá. O (*Silvio*) Berlusconi é só um exemplo grotesco desse desastre. Desastre também para a economia italiana, que foi a que menos cresceu na União Europeia, nos últimos 20 anos. Só perdeu para a

Grécia. O sistema partidário, repito, foi destruído, desapareceram grandes partidos. Moral da história: embates cruentos entre Executivo, Legislativo, Judiciário nem sempre levam a aperfeiçoamentos institucionais. Lá, o embate foi mais entre o Executivo e o Judiciário. É uma interrogação diante do pessimismo das análises que pululam aí nos jornais: como a gente vai resolver esse problema? Teremos uma devastação política e institucional como a Itália teve?

Eis um novo desafio colocado para nossos eleitores... Os antigos e os sobreviventes de outras lutas, alegrias e decepções. E vão votar e eleger, nas eleições municipais de 2016, 5.570 prefeitos e milhares de vereadores pelo Brasil afora. Como se comportarão os nossos jovens eleitores, que já serão quase 25 milhões entre 16 e 24 anos? Dois anos atrás, segundo uma pesquisa da *BBC Brasil*, os jovens iam para as urnas para votar no menos pior. O cenário pode mudar muito até as próximas eleições, é evidente. Não sabemos para onde vai. Sem desconhecer os avanços sociais das últimas décadas, dos defeitos e conquistas de Lula e Dilma, e sem querer fazer piada de mau gosto, governo é como herpes: sempre volta. Isso foi dito em um *Café Filosófico* por um filósofo. Se não é por reeleição, é por procuração. Eu digo que o PT não está morto. Isso, baseado na experiência de eleições e no comportamento dos eleitores. O que a gente pode esperar? É um enigma ainda. O Lula disse que só perde antecipadamente quem se recusa a lutar. E essa não é uma tradição petista.

E tem uma coisa interessante acontecendo. Gosto de lidar com algumas pesquisas na área de marketing. A gente manda para as ruas, para diferentes bairros e classes sociais. Isso antecipa muito as verdadeiras pesquisas científicas. Que tipo de candidato o eleitor quer? O eleitor vota pensando no bolso dele. Pensando nas dificuldades, na família, em como ele vai escolher o candidato que está prometendo melhorar

a vida dele. Diante desse cenário de descrença, as mirabolâncias vão ter uma acolhida menor, acredito. Isso é chute meu. Houve eleições em que a situação era ruim e o povo acreditou em mirabolâncias, fantasias, coisas que depois não foram cumpridas. Qual é a diferença? Desta vez já havia uma descrença antes da eleição presidencial. Descrença que se agravou com os atrasos no aumento de energia, com o pagamento de dívidas que o governo tinha, e agora o quadro está aí. Então, se o candidato tiver algum processo, receber ataque à honestidade, à integridade dele, isso será um problema. Eu diria que é uma eleição para político com ficha limpa. O que também é complicado, esse negócio de ficha limpa vai dar o que falar. O que é um político de ficha limpa? O projeto é interessante, mas polêmico. E também não adianta o cara ser ficha limpa. Tem que ser ele, a mulher, o tio, o irmão, o conhecido.

No fim, eu acho que vai haver uma caça às bruxas, mas quem partir para o ataque vai ter mais dificuldade, porque o eleitor tem a ansiedade, o desejo de proteger o bolso, a família. Em quem ele vai votar? Vai votar no cara que ataca o outro, destrói, fala mal do outro, ou vai prestar atenção ao sujeito que se apresenta com uma conversa mais próxima? Com o candidato a prefeito que vai aos bairros ver o que está acontecendo, que vai sentir os problemas de perto, que vai falar menos e ter projetos viáveis, projetos com o pé no chão? Eu acho que pela primeira vez não vão surgir grandes mirabolâncias. Mas acontece o seguinte: quem pode ajudar esse eleitor? Quem já fez vários avanços sociais ou quem está entrando para dizer o que vai fazer num cenário de dificuldades? Por isso eu digo: o PT não está morto. E para terminar, um assunto interessante neste cenário são as novas regras das eleições. Elas vão influir no comportamento do eleitor. Era essa reflexão que eu queria trazer para cá.



LUIZ ALBERTO MACHADO: Você lembrou bem que em uma eleição municipal as coisas se alteram um pouco em relação às condições gerais. A proximidade do eleitor com seu representante é maior. Gobbato, sua vez.



IVO GOBBATO JÚNIOR: Eu pretendo falar mais sobre o perfil do eleitor do que propriamente de legislação eleitoral. O que a gente tem visto é que hoje há realmente uma rejeição da classe política como nunca



Eu acho que mudou muito a forma como o cidadão vê o político.

...o princípio de presunção de inocência constitucional foi deixado de lado. Hoje é exatamente o contrário. É político, presume-se que é culpado. E não é assim.



houve. Existem pesquisas. E isso fatalmente vai refletir no processo eleitoral de 2016. Acho que isto, aliado à alteração na legislação, que encurtou o prazo de campanha para 47 dias e estabeleceu a prestação de contas on-line, vai dificultar bastante. Só que o eleitor tem que votar. Com ou sem rejeição, ele tem que votar. E acho que cabe a nós identificar a forma de entender o perfil desse eleitor e o que ele quer. Alia-se a isso a circunstância toda que a gente está vivendo. Na verdade, eu não acho que isso seja diferente do que já existia. A gente vem acompanhando, na Europa, essa crise financeira. Chegou ao Brasil e não tinha como não chegar. Mas isso, claro, alia-se às operações desde o mensalão, que na minha maneira de interpretar, foi um grande marco para a gente, para a classe política. Eu acho que mudou muito a forma como o cidadão vê o político. O Judiciário começou a entrar de uma forma muito diferente no Executivo, no Legislativo. Na minha opinião como advogado, me perdoem, o princípio de presunção de inocência constitucional foi deixado de lado. Hoje é exatamente o contrário. É político, presume-se que é culpado. E não é assim. A gente tem um princípio constitucional. A própria Lei da Ficha Limpa torna inelegível a partir do momento

em que há uma decisão tomada por um órgão colegiado, mesmo cabendo recurso para um órgão superior. O TRE aqui, o Tribunal de Justiça julgou e recebeu essa representação eleitoral, está inelegível. Eu ainda tenho chance de reverter isso em outra instância, mas mesmo assim cai na inelegibilidade.

Vejam o cenário nessa próxima eleição. A falta de credibilidade da classe política. O encurtamento do prazo de campanha. E a propaganda bastante mudada. Hoje a propaganda máxima permitida é de meio metro quadrado. Eu me lembro que quando comecei, há dois anos, a gente podia fazer outdoor. Aí foi reduzindo, reduzindo. Em 1997 passou para 4 metros quadrados e agora para meio metro quadrado. Daqui a pouco a gente vai ter que pedir voto para o eleitor no ouvido, senão vai ser ilegal. O envelopamento de carro não será permitido. Vejam a dificuldade que a gente vai ter na próxima eleição. Na minha maneira de ver, todas essas alterações favorecem aqueles que efetivamente estão governando, os prefeitos, no caso das eleições municipais de 2016. Quem tem a máquina hoje tem uma vantagem muito maior em razão de todas essas alterações.

Nossa democracia é nova. A gente está aprenden-



Foto: Nelson Jr / ASICS/TSE

do a fazer democracia. Faz poucos anos que a gente deixou o regime militar para trás. Então, a população amadurece, o eleitor também. E isso se reflete na legislação, no Judiciário. As nossas leis não são nada mais do que o reflexo da sociedade. Eles refletem o senso comum daquilo que a sociedade pensa. Faz tempo que o Judiciário vem legislando em matéria eleitoral por meio das instruções. A cada eleição, as instruções mudam. Todos têm que se adaptar a elas, às instruções do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O que valia na eleição anterior... "Ah, não mudou a lei". Mas mudou o entendimento do tribunal, então é diferente. Falando não como advogado, mas como secretário de Governo (*de Barueri*), o eleitor quer, cada vez

menos, políticos que falem muito; e, cada vez mais, técnicos, pessoas que realmente resolvam o problema do seu município, do seu bairro. É assim que a gente tem que chegar até o eleitor.

Em Barueri, nós tivemos pela primeira vez, em 30 anos de história da cidade, dois grupos políticos fortes disputando a última eleição. Até então, era um grupo só. A oposição nunca havia feito um vereador na cidade. Pela primeira vez aconteceu isso. Nós fizemos uma campanha de dois anos. Foi uma disputa de dois anos, de bairro em bairro, fazendo reunião, ouvindo a população. Criamos metas factíveis e em momento algum atacamos o adversário. E esse foi um dos nossos grandes diferenciais. Nós vencemos as eleições.

E esse comportamento, indicam pesquisas nossas, foi um dos grandes diferenciais. Essa história de atacar adversário... Cada vez menos o eleitor quer isso. Claro que diante de todo esse cenário a oposição, qualquer que seja, tem uma vantagem. A arrecadação caiu muito, então fazemos menos, é óbvio.

O cenário é bastante complicado para o eleitor. Mas acho que isso é um reflexo claro da redemocratização. Concordo que nessa guerra entre Legislativo, Executivo e Judiciário quem é prejudicado é o eleitor. E a gente tem um quarto fator, que é a mídia. Ela noticiava, hoje, com uma liberdade muito maior do que tinha. Então, isso tudo modifica a forma como a informação chega ao eleitor e a forma como ele vai interpretar esses fatos todos. A gente tem uma política ainda protecionista e o próprio eleitor pensa de forma protecionista. O brasileiro ainda pensa no que é melhor para ele e não para a comunidade. Ainda tem muita gente assim.

Tivemos uma reforma no ano passado, que não valeu para a eleição presidencial pelo princípio da anterioridade, mas vai valer para essa. E tivemos agora essa outra reforma, que alterou os prazos e as doações. O fim das doações de pessoas jurídicas vai complicar bastante a vida dos partidos nos municípios. Numa eleição estadual e nacional, nem tanto, porque há verba do fundo partidário. Mas no município, onde a gente depende das doações para poder fazer uma campanha efetiva, isso vai mudar bastante. Com doação apenas de pessoa física, como nós vamos levar as nossas propostas até o eleitor? Será um desafio para todos nós. Será nossa primeira experiência. Mais do que nunca, podemos mostrar porque que a gente faz a diferença. Porque o partido faz a diferença, para quem a gente veio. Essa é a hora. Como diz o ditado: "Se há crise, se todos estão chorando, vamos vender lenço". O momento é muito propício. Porque o que vejo é que os

quadros do partido preenchem exatamente esse perfil que o eleitor quer. Espero que a democracia cresça cada vez mais.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Tanto o Woile quanto o Gobbato falaram sobre a elevada rejeição dos partidos e dos políticos. No começo dos anos 1990, eu lembro que recebia mensalmente uma pesquisa com o ranking de credibilidade das instituições. E, quase sempre, políticos e partidos políticos estavam na raibeira. Família na frente, Igreja tinha alguma variação, bombeiros, mas quase sempre, lá embaixo, estavam os partidos e os políticos. Ou seja, não mudou muito de lá para cá. Não sei se o Rubens vai abordar essa questão, mas já fica um ponto para os debates.



RUBENS FIGUEIREDO: Eu acho que houve duas grandes mudanças no cenário. Uma, que eu vou chamar de mudança cultural, de comportamento, de valores, que veio com a preparação do Plano Real, com

“ O eleitor antigo falava: “Eu vou esperar que o Estado me dê benefícios”. O novo fala: “Eu preciso de oportunidade. Eu sou capaz de fazer. Se me derem oportunidade, eu faço”. O eleitor antigo diz: “Quem me indica para alguma coisa?”. O eleitor novo: “Eu quero estudar”. ”

os dois governos do Lula - aquele boom de consumo - e uma concepção diferente que as pessoas passaram a ter de si mesmas. Então, quando um ascendente da chamada classe C viajava de avião, ele mudava a ideia que tinha dele próprio em relação ao que representa na sociedade, em relação aos seus familiares, aos seus amigos, e passava a entender o Estado e o Mercado de uma maneira diferente. “Eu posso comprar uma passagem de avião. Eu posso fazer hoje aquilo que eu só via na novela”. E essa é uma mudança que não é pequena do ponto de vista do comportamento da sociedade, dos valores individuais do eleitor.

Na campanha de reeleição do Lula, em 2006, escrevi uma frase mais ou menos assim: a maior propaganda do Lula não é o que ele está falando na TV, é a TV. Porque aquele cidadão nunca teve. Está na sala da casa dele e ele está vendo aquela televisão que é dele, que ele comprou. E ele jamais pensou que teria um bem daquela natureza na sua casa. Em 2011, o PSD e a fundação Espaço Democrático fizeram uma pesquisa que teve 3 mil entrevistas por telefone e 140 entrevistas individuais no Brasil inteiro. E o que a gente percebeu é uma coisa espetacular. Em 2011, 70% dos brasileiros achavam que tinham mobilidade social ascendente e achavam que dali para frente seria melhor. Então, em 2010 era impossível o governo perder a eleição porque, com uma visão

dessas, de que a vida estava melhorando e que iria melhorar ainda mais, esse eleitor acreditava naquilo que o governo fazia, na sua nova cultura, no seu novo comportamento, no novo padrão que ele atingiu na sua vida e no seu dia a dia.

E eu fiz uma tabela do eleitor antigo comparado com o novo. O eleitor antigo falava: “Eu vou esperar que o Estado me dê benefícios”. O novo fala: “Eu preciso de oportunidade. Eu sou capaz de fazer. Se me derem oportunidade, eu faço”. O eleitor antigo diz: “Quem me indica para alguma coisa?”. O eleitor novo: “Eu quero estudar”. Por isso a proliferação de FATECs, do ensino à distância, das universidades privadas. Foi um boom educacional interessantíssimo. O eleitor antigo se informava pela TV. O eleitor novo usa a TV também, mas as redes sociais são cada vez mais fortes. A opinião era formada pela mídia e o leitor era um receptor passivo. Hoje ele é um produtor de informação. Ele opina e ajuda a formar uma opinião do conjunto da sociedade. Seja compartilhando comentários, seja reclamando ou rindo, fazendo kkk nas redes sociais. O padrão familiar do eleitor antigo tinha uma reprodução horizontal. O pai era pobre e analfabeto, o filho teria um emprego de pouca condição de ascensão social e o neto também. A reprodução da classe mudou. Porque esse novo eleitor, pela primeira vez, já é um eleitor escolarizado, filho de pai muito humilde e sem escolari-

dade. E o pai passou a acreditar que o caminho do filho era o estudo. O eleitor antigo estava fora do Mercado porque a esquerda sempre colocou o Mercado como algo execrável. O Mercado não presta. Por quê? O Mercado tem empresário. O empresário tem lucro. O lucro é exploração. E a exploração é contra o pobre. Então não pode ter Mercado. Mas o brasileiro passou a valorizar o Mercado e, mais que isso, ele entrou no Mercado.

Eu tenho uma brincadeira, a teoria da Margarete. A Margarete é babá do meu filho mais novo. Uma vez nós fomos viajar e ela foi três horas falando com alguém na Bahia. Eu disse a ela: “Se eu falar três horas com a Bahia eu tenho que vender o carro para pagar a conta. Margarete, como é que você fala três horas com a Bahia?”. “Meu celular tem três chips. E eu sei o horário que tem promoção. Então eu posso falar”, ela respondeu. Coisa que eu não sabia. E eu achei aquilo lá um indicador sensacional da mudança de cultura. As pessoas passaram a comprar plano de saúde. Ela sabe melhor que qualquer um de nós aqui qual é a hora melhor para ligar. Aí eu contratei a Margarete para ser minha consultora de telefonia. “Margarete, minha conta é essa aqui. O que você diminuir, 20% é seu”. E diminuiu.

Essas são o que eu chamo de mudanças mais profundas e culturais. Aí tem outro aspecto, que é o estado de espírito do eleitor. Durante muito tempo o PT foi identificado como partido do contra, o partido dos pobres, o partido do Estado. E quando o PSDB foi bem, fez o Plano Real, o PT foi contra, contra, contra. Na hora em que o PSDB foi mal, o PT ganhou. Eu gosto muito de ver os comerciais, a propaganda da época. Em 2002 tinha aquela propaganda do PT em que os ratos comiam a bandeira. Era um negócio que dava uma indignação nas pessoas... Revoltava. Havia um outro de uma família pobre na calçada. Dizia assim: “Se essa cena incomoda você, você também é um petista”.

O partido da honestidade, contra a corrupção, o partido do pobre, o partido sensível. Que estava do lado do brasileiro. O Lula ganhou, a condição das pessoas começou a melhorar. Houve o episódio do mensalão. O Lula pediu um crédito de confiança. Um dos jingles do Lula, em 2006, falava assim: “Eu quero mais daquilo que me dá respeito”. É o novo eleitor fazendo um pacto, falando: “Eu quero continuar desse jeito. Eu quero Mercado, eu quero conseguir minhas coisas. Eu quero aquilo que me dá respeito. Vou votar em você, apesar do mensalão”.

Em 2008, teve eleição municipal. Eu acompanho muito os grupos de discussão. E eu percebi que em todo grupo feminino tinha a palavra arroz. E todo grupo masculino tinha a palavra cimento. O que quer dizer? As pessoas passaram a comer mais e a fazer o “puxadinho”. Em 2010, era a felicidade eufórica. Aquela festa. E eu peguei aqui a letra de um jingle da candidata Dilma. Falava assim: “Hoje sou mais feliz, melhorei de vida. Hoje ‘tou’ no batente. Salário decente, posso viajar. Posso ver TV de noite, meu filho pode estudar. A mulher está contente, o feijão tá quente, hoje eu posso sonhar”. Isso refletia aquele estado de espírito, a mudança cultural profunda, e acentuava no eleitorado o estado de espírito que era o reflexo da ação do governo.

Em 2013, as coisas começaram a piorar e nós tivemos as manifestações de rua. Esse novo eleitorado deu o que eu chamo de apoio desconfiado para a candidata que representava toda aquela mudança. A Dilma ganhou por pouco, assumiu, e fez o contrário daquilo que tinha prometido na campanha. Bom, aí instalou-se um período pequeno de confusão cognitiva. “Ela falou durante três meses isso e fez o contrário?”. Aquele pacto que tinha sido entabulado em 2006, o do “Lula, nós queremos isso; queremos continuar assim”, foi rompido. Veio o sentimento grande de frus-

tração e aí o eleitor tem um novo input: frustração, alguma revolta - voltar a ser pobre é pior do que ser pobre. Então, isso criou uma desilusão muito grande na sociedade. O Ibope faz um índice de confiança. Tudo aquilo que representa instituição política foi lá para baixo. Antes, na década de 1990, 31% dos eleitores confiavam nos partidos, que já estavam na rabeira das instituições. Hoje, são 17%.

Trazendo isso tudo para a eleição municipal, eu vejo um quadro assim: os prefeitos estão com a avaliação pior do que estavam em 2011. Todos. Eu não vi nenhum que tenha - nem em Barueri, que é a Suíça brasileira - mais de 40% de ótimo e bom. Não há dinheiro para fazer grandes obras ou para terminar grandes obras. O eleitor está frustrado, desconfiado. Tendo um *downgrade* na vida. Serviços públicos mal avaliados. As instituições não são tidas como representativas. Nós estamos vivendo um momento Odete Roitman. Todo dia você fica em frente à televisão esperando: “O que será que vem hoje?” E é um dia pior que o outro. Hoje foi pior do que ontem.

Não vai ter dinheiro para a campanha e ela vai ser curta. Eu discordo um pouco de você, Ivo. O que eu tenho visto nas pesquisas é que o nome forte é o opositor conhecido. Na minha opinião, não vai dar tempo de fazer grandes mirabolâncias, usando o neologismo do Woile. E por isso eu acho que a pré-campanha vai ser mais importante que a campanha. E essa aproximação tem que acontecer no período pré-eleitoral, em que a legislação abriu uma brecha grande. Principalmente para quem tem mandato eletivo. Para terminar, eu quero falar sobre credibilidade. Nós fizemos a campanha do Junji Abe em Mogi das Cruzes. Antes do programa ir ao ar, a gente faz os grupos e testa para ver se aquilo vai ter o impacto que a gente imagina. Sempre tem a questão da saúde. Ele falava o que tinha feito e as pessoas não acreditavam. Aí uma

mulher disse: “Por que ele não fala a verdade?” Três da manhã nós fomos gravar com ele falando a verdade. E ele falou: “Eu fiz, mas não está bom”. Desse jeito. “Não estou satisfeito. Passei outro dia e tinha gente na fila tomando chuva. Não é isso que eu quero, não é isso que eu vou fazer”. Ele foi aplaudido no grupo de discussão. Então, acho que essa coisa da proximidade da verdade vai ser muito forte. E o nosso partido tem que defender essa ideia de fazer uma pré-campanha forte, porque essa é a forma de nos aproximarmos. E fazer pré-campanha não é botar *kkkkk* no Facebook, não. Pré-campanha é ir para cima do eleitor e explicar o que está acontecendo e ver se podemos fazer aquela esperança voltar.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Eu quero, de imediato, franquear a palavra, pedindo que cada um se identifique ao fazer a pergunta.



ROGÉRIO SCHMITT: Minha pergunta é para os três. Na prática, qual o efeito que vocês esperam, na eleição do ano que vem, com todo esse cenário que



você descreveram? Os efeitos sobre abstenção, brancos e nulos e reeleição de prefeitos e vereadores em comparação com eleições anteriores. Vai aumentar, vai diminuir, vai ficar igual?

IVO GOBBATO: Eu, particularmente, acho que será o maior índice de não-reeleição de prefeitos da história, desde que foi permitida a reeleição. Exatamente por tudo isso que a gente falou, por esse cenário que a gente vive, pela falta de credibilidade, pela dificuldade de prestar serviços públicos quando tem menos dinheiro. Barueri sempre teve uma política muito paternalista. Eu não estou aqui questionando se está certo ou errado, só constatando a realidade. E aí, quando tiro uma cesta básica, a família que perdeu fica brava. Eu acho que por isso nós vamos ter um índice de não-reeleição muito grande. O eleitor está descobrindo que, se ele não votar, paga R\$ 7,51 de multa. Então acaba preferindo não ir.

WOILE GUIMARÃES: É muito difícil fazer essa projeção agora, nesse cenário que está aí. A tendência é a gente achar que vai haver uma grande abstenção com

tudo isso que nós estamos vendo - eleitor desiludido, políticos desacreditados, etc. Eu esperaria um pouco mais para fazer uma projeção. Mas, repito aqui, quem fez, fará. Repito o que eu falei: o PT não está morto. Diante do cenário de penúria que vem por aí, o que fez, fará. Mesmo com todas essas bandalheiras, com tudo que está acontecendo, é um partido forte para a disputa de eleições municipais.

RUBENS FIGUEIREDO: O Náutico tinha um lateral esquerdo, Ananias, e uma vez perguntaram para ele: "Qual o prognóstico do jogo?" Ele respondeu: "Só depois da partida eu dou". A tendência é aumentar a abstenção, o voto branco e o nulo. Eu tenho visto pesquisas de Barueri, Osasco, Itu, Carapicuíba, Poá, Mogi das Cruzes e Jundiaí. Eu percebo que agora tem mais indecisos do que em 2011. É natural isso. É uma situação em que a gente não vê um norte, está muito confusa para o eleitor. Em uma dessas cidades o prefeito foi cassado e está em primeiro lugar nas pesquisas. É lógico que o eleitor do município é o mesmo do Brasil. Mas é possível que ele não vote no candidato a deputado por ele ter problemas, e

vote no candidato a prefeito mesmo que ele tenha problema em função do que esse prefeito fez na vida dele em termos de melhoria na prática. Isso eu acho que é possível e já vi acontecer.

WOILE GUIMARÃES: Dentro desse contexto, eu gostaria de acrescentar o seguinte: pré-eleição nunca foi tão importante. Você falou em pré-eleição em dois anos. Eu acredito que pré-eleição começa no dia da posse. Por quê? Porque tem que estar junto, tem que dar a cara a tapa. Tem de confessar humildemente as suas dificuldades. Tem que se aliar em defesa do município, com o governo estadual e com o governo federal, o que é natural, administrativamente é necessário.

Eu cito um exemplo de uma cidade em que eu dou assistência profissional, São José do Rio Preto, onde pela primeira desde que se instituiu o segundo turno houve vitória na campanha de reeleição, mostrando simplesmente o que estava em andamento. Não é o que prometeu e não fez. E a oposição mandando o cacete, dizendo o seguinte: "Prometeu e não fez, prometeu e não fez". Mas houve promessas de obras que demorariam dois, três, quatro anos. O que foi mostrado é o que estava em andamento. Não era para ganhar a reeleição, era para que a cidade ganhasse melhor condição. Na área de combate a enchentes, por exemplo. Era um problema crônico. Todo ano estava nos telejornais e de repente veio um grande investimento do governo federal, conseguido pelo prefeito, que não é do partido da presidente... E depois casas. Está completando 10 mil casas. Mas é interessante esse negócio da pré-eleição. E depois a presença nas redes sociais. A presença do prefeito, do vereador, da autoridade não só nos locais, mas interagindo com as pessoas no WhatsApp, no Facebook. Mas tendo paciência e humildade para dialogar, para interagir.

IVO GOBBATO: Desde que assumimos, em janeiro de 2013, a gente está em pré-campanha. E uma dica, que isso não vai mudar: agora a gente pode falar que é pré-candidato abertamente. Nessa alteração eleitoral não tem mais essa história de propaganda antecipada. Não pode pedir voto. Não pode falar: "Vote em mim". Mas você pode dizer que é pré-candidato. Pode falar em rede social, jornal, que não se enquadra mais em propaganda eleitoral. Reduziu a hipocrisia.



ALOYSIO AZEVEDO: O Rubens fez um retrato muito fiel de um momento interessante. Essa dicotomia incrível que o eleitor assumiu ficou bem clara na sua colocação e está explicada pela História. Agora nós estamos vivendo uma crise política. E essa nova classe média que assumiu está sendo batida, indignada. E o agravamento da crise política vai aumentar mais ainda em relação à classe política. A classe política não tem chance alguma de diminuir o seu ocaso. Essa crise bateu de uma maneira fulminante porque a classe política não tem nenhuma condição de entendê-la. Nós estamos assistindo a uma pré-contra-revolução. Por quê? A característica principal desse negócio de paternalismo era a do Executivo absolutamente poderoso. A tal ponto que todos os Orçamentos nunca foram discutidos pelo Legislativo, agora nós estamos

discutindo pela primeira vez. Tudo vinha de cima para baixo. Era uma presidência imperial. O ocaso da Dilma acabou com essa ideia. E a debacle do governo do PT acabou também com esse Executivo. Então, nós entramos numa pré-contra-revolução. Esse é um vazio tão grande de reconstituição do Estado que essa classe política idiota não tem a menor condição de compreender e colocar algum rumo em cima. Então, ela vai se desgastar mais.

O Woile colocou uma coisa muito interessante sobre o PT, que o PT não morreu. Eu acho que o Lula não morreu. O PT, acredito, vai entrar em um ocaso progressivo considerável, mas o Lula não. Nessas pesquisas que o Woile citou há um dado muito interessante. Ao mesmo tempo em que a rejeição da classe política cai, a lealdade a algumas lideranças fica. Na hora em que a pesquisa aborda não só o desgaste, a rejeição das lideranças, mas a lealdade aos líderes, o Lula não sai de 24% e o Aécio cai para 13%. O Lula tem um ponto de parada que os outros não têm, que são os 24%. Agora eu acho que é muito cedo, uma coisa muito difícil de ser analisada nessas eleições próximas, mas em 2018 eu acho que essa coisa vai ficar mais clara. A subestimação do Lula não é uma coisa a considerar.

WOILE GUIMARÃES: Eu acho que está dentro de um contexto de falta de lideranças hoje. Quem tem assistido ao Fernando Henrique Cardoso, percebe que ele está fora do jogo, mas está falando como um estadista e nós estamos precisando é de líderes com essa dimensão, de olhar o País em primeiro lugar. Em segundo lugar, olhar o Brasil. Em terceiro lugar, olhar a pátria.

ALOYSIO AZEVEDO: O Lula é a maior liderança popular que o Brasil produziu. O Getúlio é um grande estadista, mas o Lula é liderança popular, por isso tem essa lealdade.

ROBERTO MACEDO: Nós estamos enfrentando uma crise econômica diferente. Eu acho que isso vai ter repercussão sobre o quadro político daqui para a frente. A maior parte das crises que nós vivemos aqui é o que podemos chamar de crises cambiais. Tínhamos dificuldades no setor externo - isso vem lá dos tempos de Getúlio. A crise cambial gerava também um problema fiscal - você tinha dívida em dólares. E o que se fazia? Mandava um time lá para Washington negociar com o FMI. Aí vinha o FMI e se aumentavam impostos. Agora, parece que bateu no teto. O povo não quer saber de mais imposto. Foi a maior dificuldade aprovar essa CPMF e eu duvido que seja aprovada, a menos que os prefeitos e os governadores se mobilizem. Então, há uma situação em que é necessário mexer nas despesas. E nesse caso a ação da Dilma na gestão de 2014 deixou um rombo imenso. Não é essa coisa que o povo está falando no jornal, R\$ 70 bilhões. É coisa muito maior do que isso, porque o resultado primário, o teto final, está em torno de 7%, 8% do PIB. Para você ter uma ideia, para fazer parte da União Europeia precisa ser 2% ou 3%. O que temos é uma coisa descomunal e a dívida está aumentando. Esses dias estive numa reunião com os técnicos do FMI e perguntei para eles o que eles podiam fazer pelo Brasil, só para provocar. E eles falaram que não podiam fazer nada. Eu acho que a classe política não está preparada para essa circunstância, de chegar a um momento de sacrifício. E como há a questão social, tem de distribuir isso de uma forma razoável, senão sobra só para o povão. Eu acho que travou a coisa do ponto de vista econômico. Você não tem uma saída fácil de ir ao FMI ou aumentar imposto. Isso tudo pede um novo tipo de talento político, que até agora não apareceu.

RUBENS FIGUEIREDO: A reflexão do Aloysio traz



temporalidades diferentes e acho que seria tema, talvez, de um novo ciclo de seminários, tamanha a riqueza daquilo do que ele colocou. Fora da classe política não tem saída. E falar que alguém está morto no Brasil é muito complicado. Vou citar três exemplos. Renan Calheiros: a amante dele saiu pelada na revista *Playboy*. Quem diria que ele voltaria a ser presidente do Senado e um dos personagens mais importantes? Jáder Barbalho: é um dos cardeais, filho ministro. Collor: está mais vivo que a gente. E outra coisa que é muito difícil é formar uma nova liderança. Quanto tempo o Lula ficou na estrada? Quantas eleições ele disputou? O próprio Collor, que era um *outsider*, uma novidade - o bisavô era político. O Fernando Henrique escreveu um livro, *O improvável presidente do Brasil*, e não há nenhuma dúvida de que só foi presidente por causa do Plano Real. Quem diria que o Fernando Henrique seria presidente a um ano da eleição, em 1993? Seria internado. Em um ano, no Brasil, muda o mundo. O Sarney não ia ser. Fernando Henrique não ia ser, um ano antes da eleição. Eu acho que é um pouco de ingenuidade a gente achar que vai surgir alguém. O grande protagonista é a sociedade. É esse novo eleitor. Sabe quanto a Dilma tinha de ótimo e bom em maio de 2013? 62% de ótimo e bom e mais de 80% de aprovação. O pessoal foi para a rua e ela caiu para 30%. Quem é que segura isso? 32 pontos a menos num episódio.



“ ...nós, que não somos do PT, nem PP, que não recebíamos dinheiro das empreiteiras, sempre fomos prejudicados. Nós sempre fizemos campanhas pobres. E os caras que estão presos lá não vão dar mais dinheiro para ninguém. ”

ALDA MARCO ANTONIO: Eu estou aqui ao lado de uma recém-filiada ao PSD, pré-candidata a vereadora (*Patrícia Ferreira*) em Rio Grande da Serra. E essa me-

nina não pode sair daqui só com o que ouviu. Eu vou repetir o que falei para ela lá em cima. Cada eleição tem uma história. E a história da próxima eleição, em termos legais, ainda não aconteceu. É o ordenamento que o TSE coloca para todos os candidatos. Então, essa mesa de jogo de que você vai participar ainda não está montada. Tudo que você ouviu aqui é suposição. O que eu disse para você? A eleição do ano que vem vai ser diferente. Nós só sabemos que ela não vai ser igual. Mas como vai ser diferente? Ninguém sabe ainda. Por que ninguém sabe? Porque nós, que não somos do PT, nem PP, que não recebíamos dinheiro das empreiteiras, sempre fomos prejudicados. Nós sempre fizemos campanhas pobres. E os caras que estão presos lá não vão dar mais dinheiro para ninguém. Aqueles que davam dinheiro para candidatos, nossos opositores, não vão dar mais porque estão presos. Os milionários que se candidatam não põem dinheiro do bolso na campanha porque são muito espertos. Mas se alguém agora se animar e se candidatar, e quiser por dinheiro dele, vai ter que provar de onde vem. Então, nós estamos em vantagem. E a senhora também, em grande vantagem. Porque é uma candidata nova, nunca foi candidata, e vai ter que ter verbo. Vai ter que saber falar com seu eleitor. Vai ter que conversar. E vai ter que convencer o eleitor a votar em você.

E tem uma coisa extraordinária na próxima eleição: o candidato vai ter que se preparar. Você vai ter que vir aqui de 15 em 15 dias. Participar dessa mesa, nem que seja só para escutar. Formar o seu pensamento, escolher uma bandeira, um assunto para o qual vai se dedicar, e vai ter que estudar muito bem esse assunto. E vai ter que treinar e chegar com sinceridade na porta do eleitor e convencê-lo de que ele pode votar em você, que você é de confiança, que você está preparada. Mas aí você vai lá preparada mesmo. E nós, do PSD, estamos muito convictos disso, que os nossos

candidatos, sobretudo a vereador, vão ter que estar preparados. E esses encontros fazem parte dessa preparação. Portanto, em vez de ficar triste, preocupada com o que vai acontecer, eu estou muito animada, porque eu acho que vai favorecer. Vai favorecer um partido novo, o PSD. Partido limpíssimo. Vão prevalecer os candidatos honestos, os competentes. Aqueles que vão para a rua, que vão convencer o eleitor. E olhando para você eu tenho certeza de que fará uma grande campanha. Vai com energia. Você vai ter que mostrar isso para o eleitor, que você é capaz de ser vereadora, de ganhar o voto dele e ganhar a confiança. E você vai se dedicar à cidade. Porque se você ou qualquer candidato não demonstrar honestidade, sinceridade, não vai ganhar o voto. Seja quem for o eleitor. E também não subestime o eleitor.

Quando vocês estavam falando dessas portarias que todo ano saem... Vocês lembram que uma vez obrigaram os eleitores a votar em candidatos do mesmo partido desde o presidente da República até o vereador? Voto vinculado. E diziam assim: eles vão errar e o outro vai ganhar. Não. O eleitor brasileiro votou certinho. Então, o eleitor é muito mais inteligente do que as lideranças possam imaginar. Respeite a pessoa a quem você vai pedir voto. Saiba que ela é uma pessoa inteligente, que ela vai decidir sozinha. Ela vai ter que decidir e você terá que convencê-la a votar em você. E para isso você vai ter que se preparar. Aí será a melhor candidata lá em Rio Grande da Serra.

IVO GOBBATO: Realmente é suposição. A gente está aqui discutindo ideias, mas uma coisa é certa e sobre essa não há dúvidas: não vai ter mais doação de pessoas jurídicas. Isso já vale para a próxima eleição. Concordando com a senhora, Dra. Alda, precisa de sola de sapato nessa eleição.



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil / Fotos Públicas

Diante do impacto das operações policiais contra a corrupção, como se comportará o eleitor?



NAZARÉ PALAZZINI: Eu gostaria de colocar para os três uma questão. A gente fala de todos esses escândalos, como a Operação Lava-Jato, e eles foram divisores de água para nossa política. Todas as conquistas dos outros países aconteceram quando a população foi para as ruas e se mobilizou. Qual é a avaliação dos senhores em relação a isso, a toda essa mobilização que tem acontecido?

LUÍZ ALBERTO MACHADO: Deixe eu emendar então, porque assim a gente já pega os três. Nas aulas de Ciência Política, uma das críticas que se fazia à



Foto: Oswaldo Corneti / Fotos Públicas

16/08/2015 - São Paulo, SP - Manifestação na avenida Paulista

tradição histórica do Brasil, até pelas várias mudanças e várias interrupções que a nossa democracia teve, era de que nós nunca tivemos partidos fortes. Todo mundo vota em candidatos e não em partidos. Aquilo que você colocou, Alda, dessa vez, o fato do partido ser um partido novo, com características próprias, pode ter uma importância grande. Vocês acham que isso deve ser um tema considerado e, mais do que isso, enfatizado pelos nossos candidatos? As considerações finais dos três.

WOILE GUIMARÃES: Eu acho, primeiro, que te-

mos partidos demais. Segundo, esses movimentos do tipo “vem para rua você também”, acho muito corajosos, muito participativos, mas tem de ter uma estrutura partidária, ele tem de entrar na luta partidária, inclusive para melhorar os partidos e para ter a efetividade da democracia participativa. Movimento para ir para a rua, para fazer panelaço, tudo isso aí é um retrato do descontentamento da sociedade diante das dificuldades e do descaramento, eu diria, de boa parte da classe política. Mas não basta, tem de se preparar para isso. Eu falei aqui do IPC do Valor. Há um esclarecimento da diretora do



IPC, que diz o seguinte: reclamar, o jovem reclama muito bem, fala muito bem contra as coisas. Mas falar a favor está faltando. Só para encerrar, eu queria cumprimentar o Espaço Democrático pelas palestras e debates que tem feito, pela coerência que tem tido desde o início em fazer os encontros, em fazer os cursos, em estar discutindo os assuntos. Eu duvido que tenha algum partido discutindo da maneira como está sendo discutido aqui. Pensando num município melhor, num estado melhor, num país melhor, numa maneira melhor de fazer política.

IVO GOBBATO: A Lava-Jato começou investigando um doleiro que estava evadindo divisas. Não tinha nada a ver com política. Nada a ver com políticos. Puxaram um fio e veio um tapete inteiro para baixo, de uma vez só. Acho - e isso é uma visão muito pessoal - que a Lava-Jato serviu para desestruturar o país exatamente pela crise que gerou entre o Judiciário, o Executivo e o Legislativo. Hoje está todo mundo se matando nos três Poderes. Então, acho que ele fez muito mais isso do que mudar a visão do eleitor. O eleitor já pensava mais ou menos: “Ah, o fulano de tal recebeu tantos milhões do Youssef”. “Ah, isso eu já sabia. Sempre foi

assim". Acho que isso não alterou o perfil do eleitor. Alterou, sim, o clima do país. Esse é o grande marco da Lava-Jato, que começou lá no Mensalão. E eu acho que tudo isso favorece, sim, os partidos organizados, os partidos que pensam como partido. O ministro (*Gilberto*) Kassab uma vez falou isso para mim: eu acredito em partido. Acho que a saída para o País passa pelos partidos. E é exatamente isso que a gente vê aqui no PSD. Concordo com todos: é o que vai fazer a diferença nas próximas eleições. Partidos organizados, estruturados e é daí que surgirão novos líderes, novos governantes.

RUBENS FIGUEIREDO: Respondendo à questão, o problema é o movimento de rua ter algum impacto institucional duradouro nos partidos. Em 2013, o que o governo fez? Vamos fazer o programa nacional de mobilidade urbana por R\$ 50 bilhões... A política está ruim? Vamos fazer a constituinte exclusiva... Saúde? Pacto pela saúde. E morreu. Foi um movimento muito difuso. Tinha gente com plaquinha lá dizendo: "O Valdivia se machuca demais". Tinha gente com voto distrital. Agora, o que o nosso partido faz de diferente? Cursos, esses debates que você pode acom-

panhar. Ninguém faz com essa frequência, com essa riqueza. A questão do empreendedorismo, que é uma marca. A gente bate muito nisso. Esse novo eleitor tem a ver com a gente. A gente quer facilitar a vida do empreendedor. Poxa, 115 dias para abrir uma empresa? Isso não existe. E a gente luta contra isso. E conseguimos vitórias importantes. Então, nós somos o novo, mas precisamos convencer a sociedade disso. E isso não é fácil.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Eu concordo plenamente com a Alda. Você terá que oferecer alguma ideia-força ou algumas ideias-forças e batalhar muito por elas. Porque ninguém é candidato de tudo. Tem muita gente que entra lá muito bem-intencionado e quer falar sobre tudo. Todo político acaba sendo sempre lembrado por ter uma determinada marca, uma determinada ideia-força. Então, pegue esse monte de coisas que nós estamos trabalhando, veja qual a característica da tua cidade e trabalhe forte nisso. E conte com a assessoria do Espaço Democrático no que você precisar. Mais uma vez, muito obrigado a todos pela presença e até o próximo Encontro Democrático.



<p>Presidente - Guilherme Afif</p> <p>1º Vice-presidente - Vilmar Rocha</p> <p>2º Vice-presidente Diretor de Relações Internacionais - Alfredo Cotait</p> <p>Secretária - Alda Marco Antonio</p> <p>Diretor Superintendente - João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Superior de Orientação Presidente - Gilberto Kassab Guilherme Afif Henrique Meirelles Omar Aziz Raimundo Colombo Otto Alencar Claudio Lembo Ricardo Patah Vilmar Rocha Guilherme Campos Eduardo Sciarra</p>
<p>Coordenadores dos Conselhos Temáticos</p> <p>Política Econômica - Henrique Meirelles Emprego e Trabalho - Ricardo Patah Gestão Pública e Transparência - Rubens Chammas Pacto Federativo e Tributação - Samuel Hanan Previdência - Reinhold Stephanes Educação - Alexandre Schneider Saúde - Eleuses Paiva Infraestrutura, Transportes e Energia - Eduardo Sciarra Desenvolvimento Urbano - Paulo Simão Desenvolvimento Rural - Cesário Ramalho Meio Ambiente e Sustentabilidade - Marcelo Cardinale Branco Cultura - Danilo Miranda Esportes - Antonio Moreno Neto Turismo - Marcelo Rehder Indústria, Tecnologia e Inovação - Ozires Silva Inteligência e Mídias Digitais - Aleksandar Mandic Justiça - Arnaldo Malheiros Filho Segurança Pública - Túlio Kahn Desenvolvimento e Inclusão Social - Alda Marco Antonio Participação e Cidadania - Ivani Boscolo Política Externa e Comércio Exterior - Embaixador José Botafogo Gonçalves Defesa Nacional - Gen. Antônio Luiz da Costa Burgos</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Acre - Sérgio Petecão Alagoas - Jorge Silvio Luengo Galvão Amapá - Eider Pena Amazonas - Omar Aziz Bahia - Otto Alencar Ceará - Patrícia Pequeno G.C. Aguiar Distrito Federal - Rogério Rosso Espírito Santo - José Carlos Fonseca Junior Goiás - Vilmar Rocha Maranhão - Claudio Trinchão Mato Grosso - Carlos Fávaro Mato Grosso do Sul - Antônio Cesar Lacerda Alves Minas Gerais - Diego Andrade Pará - Helenilson Pontes Paraíba - Rômulo Gouveia Paraná - Eduardo Sciarra Pernambuco - André de Paula Piauí - Júlio Cesar Rio de Janeiro - Indio da Costa Rio Grande do Norte - Robinson Faria Rio Grande do Sul - José Paulo Dornelles Cairoli Rondônia - Moreira Mendes Roraima - Rodrigo Jucá Santa Catarina - Antônio Ceron São Paulo - Alfredo Cotait Neto Sergipe - Jeferson Andrade Tocantins - Irajá Abreu</p>

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2015/2016 - Nº 16
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br
PSD - Site Nacional: www.psd.org.br
Coordenação - Scriptum Comunicação
Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas

Facebook: **EspacoDemocraticoPSD**
Facebook Nacional: **psd.br**

Twitter Nacional: **@psd_55**

Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS



www.espacodemocratico.org.br